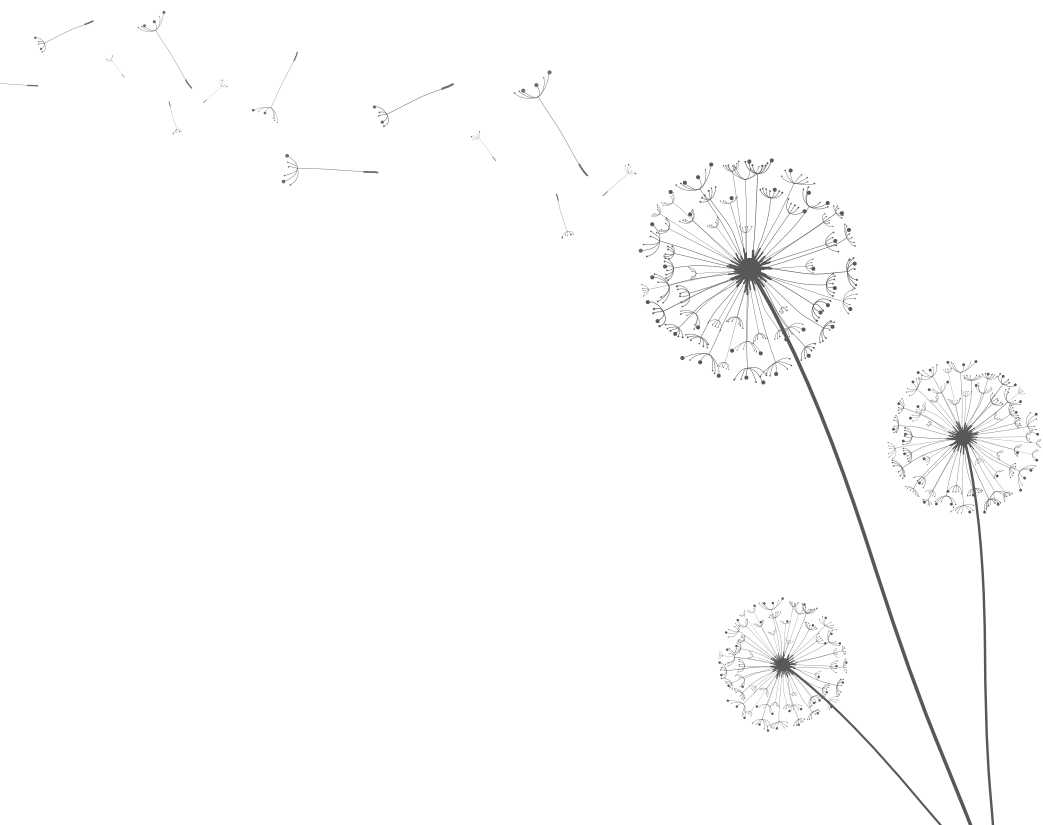


Não tenho como me esquecer daquele dia, daquele reencontro depois de tantos anos. Pensei que o tempo curaria as feridas, diminuiria a dor e amorteceria os sentimentos, mas isso não aconteceu. Acho que nunca acontece. Os sentimentos não mudam após muitos anos, apenas ficam ali, adormecidos, esperando o dia em que tudo virá à tona novamente. Aquele foi o dia.



SUZAN ENTROU NA CAFETERIA APRESSADA, apertando o casaco contra o corpo para se proteger do frio. Embora já fosse o começo da primavera, as temperaturas ainda estavam baixas, exigindo mais do que uma simples blusa de mangas compridas. Ficou alguns segundos quieta, olhando ao redor. Apesar de ser sua terceira visita àquele país, sentia como se fosse a primeira vez. Para ela, a Alemanha era assim: mágica.

A viagem fora planejada para comemorar seu aniversário de trinta anos. Alguns anos antes, a ideia teria sido fazer uma grande festa quando atingisse tal idade; mas, agora, só queria paz e sossego – e a Alemanha era o único local que lhe proporcionava essa sensação. Amava aquele país, único sob vários aspectos, mas, principalmente, no sentido pessoal. Não havia parentes seus lá, mas o lugar começou a fazer parte de sua vida em uma época especial.

Encaminhou-se para o caixa e pediu um chocolate quente em alemão perfeito. Aprendera a língua havia alguns anos, antes de abrir sua agência de viagens. Não era uma agência grande, ainda pagava uma parcela da dívida do empréstimo junto ao banco, mas, aos poucos, as contas estavam sendo quitadas. Realizar o sonho de infância fora um marco em sua vida.

Suzan sentou-se a uma mesa no canto e ficou observando as pessoas. Na primeira vez em que visitara Berlim, estava tão assustada por mal falar alemão que não curtiu tanto a viagem.

A segunda vez foi com uma das excursões que sua agência organizou, e eram tantos problemas para resolver que quase não conseguiu aproveitar a cidade. Agora, voltava à Alemanha para um mês de férias, dias suficientes para conhecer com calma as principais cidades do país.

Olhando o movimento a sua volta e ao mesmo tempo remexendo os folhetos de turismo que trouxera na bolsa, viu um homem entrar na cafeteria e fazer o mesmo gesto que ela: puxar o casaco para perto do corpo e proteger-se do frio. Suzan achou a cena engraçada, mas, quando reparou melhor, espantou-se ao reconhecê-lo.

– Não pode ser... – disse baixinho para si mesma.

Após tantos anos, aquele rosto voltou como um turbilhão a sua cabeça. Ficou alguns instantes em choque; era muita coincidência ele estar ali, naquela cidade, na mesma época em que ela. Justamente ele, o motivo para ela amar tanto aquele país: Renato. Não havia como errar, sem dúvida alguma. Um pouco mais velho, mas ainda aquele rosto perfeito, com traços mais maduros, aquela pele que ainda guardava um bronzeado de praia. O cabelo loiro escuro agora era penteado para baixo, como um homem de trinta anos usaria, e não mais para cima, espetado, como o dos jovens de vinte. Definitivamente, era a mesma pessoa de seu passado: seu amigo e amor da juventude.

Ele foi até o caixa e comprou alguma coisa. Esperou um tempo, pegou um copo de café com uma das atendentes e virou-se para procurar uma mesa. Seus olhos se encontraram com os dela, mas ele não demonstrou reconhecimento e foi caminhando para o lado oposto.

– Renato? – chamou Suzan, timidamente.

Ele se virou e a olhou. Ficou um tempo com a testa franzida, espremendo os olhos até seu semblante se transformar em surpresa.

– Meu Deus, Suzana?

– Sim. – Ela se levantou e ele foi em sua direção. – Não perdeu a mania de me chamar de Suzana?

– Meu Deus, meu Deus. – Ele sorriu. Os dois ficaram abraçados por alguns segundos. – Que coincidência, o que você faz na Alemanha?

– Estou de férias, hoje é meu último dia aqui em Berlim, depois vou visitar outras cidades.

– Boa escolha. Eu amo esse país.

– Eu sei.

– Sim, claro! Lembro do quanto você quis saber da minha primeira viagem para cá, de vermos as fotos juntos, eu, você e o Mateus. Como pude esquecer?

Suzan fez um sinal para que ele se sentasse à mesa que ela ocupava.

– E você? Está de férias também?

– Estou. Minha esposa queria ir para a Itália, mas fui firme. Eu não voltava à Alemanha há muito tempo. Aliás, a única vez em que vim para cá foi naquele ano. Estava sempre pra voltar, mas a cada hora uma coisa diferente acontecia.

Suzan tentou sorrir naturalmente, mas saber que Renato se casara a surpreendeu. Na verdade, ela não sabia mais coisa alguma sobre ele, então não era de se estranhar o fato de ele ter seguido em frente.

– Puxa, faz tanto tempo que não a vejo. Você praticamente não mudou nada, Suzana.

– Você também não, nem a mania de me chamar de Suzana mudou – disse ela. Eles ficaram se olhando, calculando mentalmente o tempo que estiveram afastados um do outro. – Não sabia que você tinha se casado.

– Sim, já faz alguns anos. Minha esposa está no hotel, descansando, está grávida do nosso primeiro filho. Acredita que vou ser pai?

Ela percebeu o rosto de Renato se iluminar quando falou do filho e sentiu uma pontada de inveja da alegria dele.

– Realmente, é uma grande mudança.

– E você, se casou?

Ela demorou a responder e olhou para baixo, sentindo seu coração apertado. Decidiu desconversar:

– Acredita que consegui abrir minha agência de viagens?

– Isso é ótimo! – Renato ficou contente pela antiga amiga, e ela sentiu que a felicidade era verdadeira. – Fico feliz que tenha realizado seu sonho.

Ele balançou a cabeça, encarando Suzan, e respirou fundo. Ela percebeu o sorriso ir embora de seu rosto.

– E o pessoal da universidade? Tem falado com alguém?

– Não. Depois que tudo aconteceu, que perdemos contato, eu me afastei de muita gente. Quando me formei, não vi mais motivo para continuar encontrando o pessoal.

– Entendo. – Ele deu um sorriso de camaradagem e segurou uma das mãos de Suzan. – Eu sinto muito a sua falta, da nossa amizade. Sinto muita falta do Mateus. Quando éramos mais jovens, nunca imaginei que um dia perderíamos o contato. Achei que nós três seríamos amigos até ficarmos velhinhos.

– Eu também pensei isso, e sinto falta de vocês, mas as coisas mudam. Aquele dia marcou nossas vidas.

– Aquele dia?

– O dia em que nossa amizade acabou.

– A amizade não acabou.

– Acabou, Renato. Olhe para nós, há anos não nos falamos. Não sabemos nada da vida um do outro. Eu, você e o Mateus, não somos mais o que éramos antes. Depois que nos separamos, tudo acabou, mas acho que não tinha como continuar. – Ela soltou a mão dele e olhou para baixo. – Depois que tudo aconteceu...

– Quanto tempo faz? Dez, onze anos?

– Por aí...



CAPÍTULO

1

ERA O PRIMEIRO DIA de aula na Universidade da Guanabara, o segundo ano de Suzan, que havia prometido a si mesma que, desta vez, tudo seria diferente. Estudaria mais, se dedicaria mais ao curso, arrumaria um estágio e, claro, conquistaria definitivamente o coração de Renato. Esse seria o seu ano e ninguém mudaria isso.

Ela respirou fundo e olhou para a entrada da universidade, um complexo de prédios localizado em um amplo terreno no início do Recreio dos Bandeirantes, na zona oeste do Rio de Janeiro. Levantou a cabeça e entrou com passos decididos, ajeitando o comprido cabelo preto que voava com o vento abafado do calor que fazia na cidade. Caminhou pelo pátio que ligava os prédios, mas não viu seus amigos. Frustrada, foi até a lanchonete, onde encontrou Mateus sentado, lendo um livro.

– Ei, Mateus.

– Oi. – Ele deu um sorriso ao vê-la. Os dois se abraçaram e ela se sentou na cadeira em frente ao amigo. – Como foi de férias?

– A mesma coisa de sempre. – Ela fez uma careta. – Falei para meus pais que pela última vez fico o mês todo de janeiro e o Carnaval com eles em Recife.

– Pensei que você gostasse de lá.

– Eu gosto, mas chega uma hora que cansa. Também queria ficar um pouco no Rio.

– Hum... Mas, e aí? Pronta para mais um ano de Turismo?
– Sim. E você? Pronto para mais um de Engenharia Civil?
– Estou mais do que pronto. Não sei o Renato – disse Mateus, rindo.

Suzan olhou em volta.

– Ele ainda não chegou.
– Quem? – Ela se fez de desentendida.
– O Renato. Ele me ligou ontem, disse que não viria à aula hoje. Foi pegar onda.

– Ah, sim, claro. Ele fica dois meses na Alemanha e a primeira coisa que faz, quando volta, é ir pegar onda.

– Estava frio lá. – Mateus juntou seu material espalhado em cima da mesa. – Ele nos chamou pra ir até a casa dele à tarde, para ver as fotos. Se quiser, dou uma carona para você.

– Não precisa, vou almoçar por aqui e depois tenho de ir até Ipanema ver umas coisas, de lá para a casa do Renato é perto.

– Beleza, nos encontramos lá, então.

Suzan concordou com a cabeça e deu um longo suspiro.

– Você acha que ele arrumou uma alemã?

– Você quer mesmo saber?

Ela soltou o ar dos pulmões e olhou para ele, desanimada.

– Não... Eu só queria que ele reparasse em mim.

Suzan baixou a cabeça, colocando-a entre os braços. Mateus entendia o que ela sentia e o que queria. Ele passou a mão nos longos cabelos pretos dela, tentando lhe dar algum conforto.

– Para ele, você é uma amiga.

– É, eu sei. Apenas uma amiga.

A conversa dos dois foi interrompida por Eulália, que se aproximou da mesa.

– Suzan, querida, aceita alguma coisa?

– Não, obrigada, tia Eulália.

– Meu filho nem oferece nada.

– Estou de folga hoje, mãe. – Mateus se levantou e deu um beijo na mãe. – Na hora do almoço eu venho dar uma ajuda

na lanchonete, agora preciso ir para a aula. À tarde vou lá no Renato.

Ele se despediu, e Eulália e Suzan ficaram observando Mateus se distanciar.

– Você tem um filho de ouro – disse Suzan.

– Eu sei. – Eulália balançou a cabeça e voltou a atender os estudantes, que se reencontravam na lanchonete após as férias.

*

A cobertura da família Torres ocupava o último andar de um prédio na orla do Leblon. Suzan estava parada em frente à porta do apartamento, imaginando se, caso se casasse com Renato, iria morar em um lugar chique como aquele. Provavelmente em um melhor, já que ela imaginava os dois bem-sucedidos. Mas não se importaria de morar no Leblon. Embora gostasse da Barra da Tijuca, o bairro da Zona Sul sempre teria aquele ar de Quinta Avenida.

– Ei, Suzana! – saudou Renato.

Suzan balançou a cabeça e se perdeu nos braços do amigo. Ficou um tempo ali, sentindo o coração dele bater, e se perguntou se ele sentia o seu batendo forte também. O cheiro de Renato era inebriante, e ela achou que jamais conseguiria se soltar dele.

– Senti saudades – disse ela, entrando.

– Eu também.

– Quando vai parar de me chamar de Suzana?

– Quando a cara que você faz por causa disso deixar de ser engraçada.

– Nunca, então.

Ele foi em direção ao quarto e Suzan o seguiu. Ao chegar lá, ela viu Mateus sentado no chão, encostado no armário, vendo as fotos da viagem de Renato no tablet.

– Não acredito que vocês não me esperaram! – Ela fez cara de brava e se sentou ao lado de Mateus enquanto Renato deitava na cama.